



CADERNOS DO BEIRAL

EUCLIDES SANDOVAL

Olá!

Esta versão em pdf do livro **Cadernos do Beiral** (Câmara Clara, 2009) está sendo disponibilizada gratuitamente pelos organizadores no sentido de democratizar o acesso a um dos resultados da pesquisa realizada sobre escritas, imagens, quadros e colagens de Euclides Sandoval, artista multimídia de Atibaia-SP.

É permitida a livre circulação deste arquivo e utilização de textos e imagens para fins educacionais, desde que e somente se:

- **o material não seja comercializado;**
- **citado os autores e a fonte** (textos de Euclides Sandoval; fotografias de Daniel Choma; projeto de Tati Costa; fonte: www.camaraclara.org.br).

Caso você tenha interesse em adquirir a versão impressa do livro - e colaborar com a produção do segundo volume dos Cadernos do Beiral - entre em contato pelo e-mail: **camara.clara@yahoo.com.br**

Mais informações em **www.camaraclara.org.br**

Tenha uma boa leitura!

Os organizadores, Euclides, Daniel e Tati.

Depois de nascido
o filho,
ele pode
sair
voando.

Os Cadernos, além de antídoto para a ansiedade, ajudam no desenvolvimento da autoconsciência. Enquanto a atividade escolar se dirige principalmente para o intelecto - aquisição de conhecimentos e destrezas - os Cadernos articulam razão e intuição, sonho e realidade, humores do dia-a-dia, o que agrada e o que desagrada. Espécie de diário conceitual abrigam sem restrições a escrita manual, colagens de recortes, desenhos, fotos, rabiscos... Forma de sentir a si próprio, os seres e as coisas num todo significativo. Mesmo ao registrar só fragmentos apura-se um saber direto, mais sensível do que o sensorial da racionalidade programada do sistema em que vivemos.

Campo de pouso, espécie de manual de vôo para projetos e transformação pessoal, quando o comum é se perder no circunstancialismo, na velocidade, inércia e confusão. Quem trabalha nos Cadernos pode explorar a própria riqueza inconsciente. Após períodos longos e curtos, o fato de datar cada segmento - dia da semana, mês e ano -, surpreende-se com o fluir do tempo. Comparando períodos, percebemos melhor a mudança num mundo, cujo movimento é o jogo de opostos. O fundamental dos Cadernos é nos auxiliar em descobertas, até o inusitado para sentir e compreender a realidade vivida. São inconclusos, mais centrados em processo do que em resultados. Daí o caráter maior que acena para a auto-realização da pessoa.

Organização

*Euclides Sandoval
Tati Costa
Daniel Choma*

Realização



Patrocínio



Cadernos do Beiral

1ª Edição, Volume I - Atibaia-SP, 2009

Textos, imagens, quadros e colagens:
Euclides Sandoval

Edição, fotografias e editoração:
Daniel Choma

Projeto e produção:
Tati Costa

Fontes:
Esculturas do Alderico, Cadernos do Beiral n° 09 e 16, <http://ipansotera2.zip.net>

Antiprefácio:
Euclides Sandoval

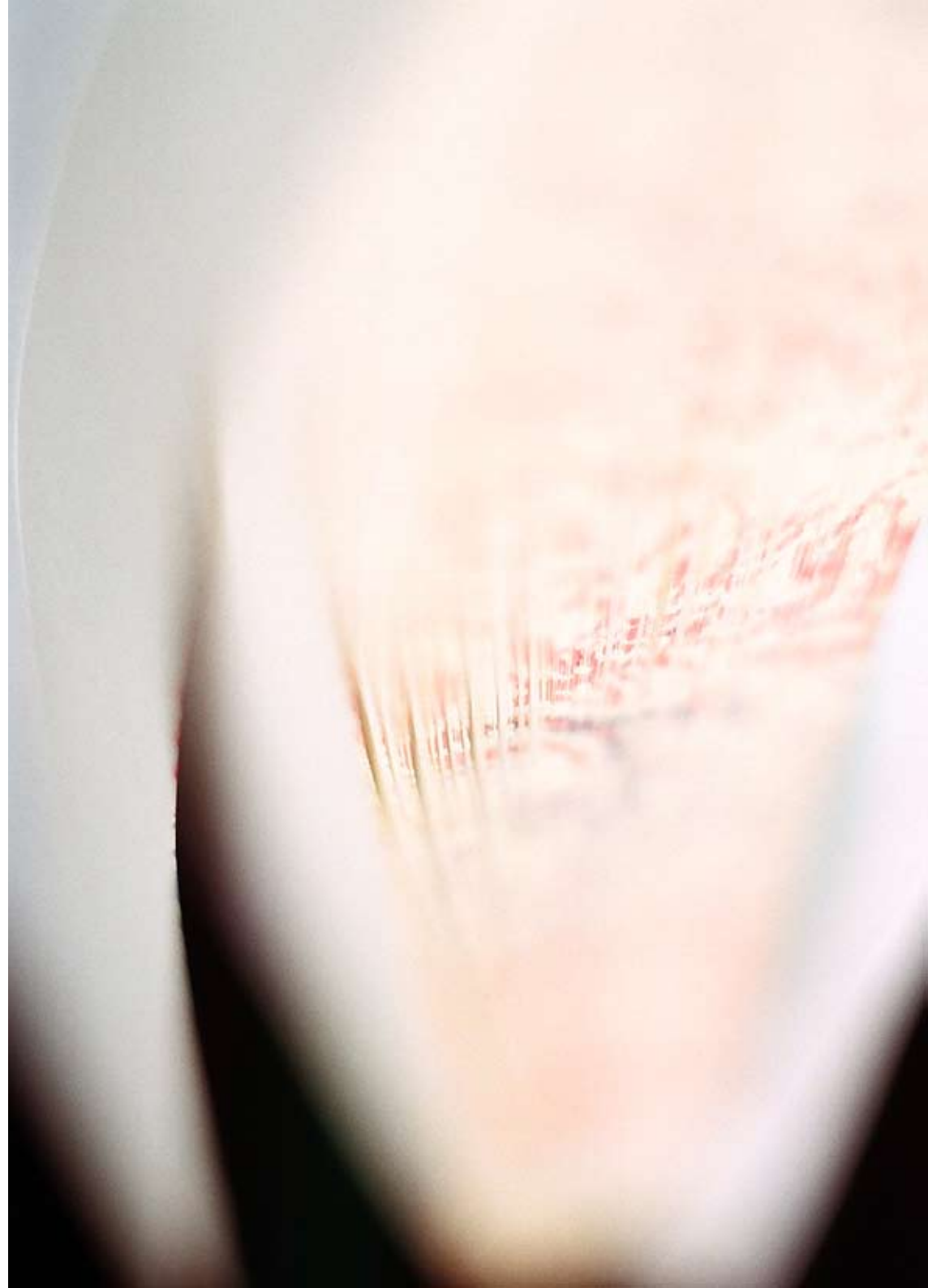
Patrocínio:
Prefeitura de Atibaia - Secretaria de Cultura e Eventos. Lei de Apoio a Projetos Artísticos - Orçamento Participativo

Realização:
Câmara Clara - Instituto de Memória e Imagem

ISBN: 978-85-62002-02-1

e-mail: camara.clara@yahoo.com.br

site: www.camaraclara.org.br



A João-Francisco Duarte Jr.

Quem, hoje, melhor alinhavou minhas idéias.

Antiprefácio

A primeira edição, em livro, de Os Cadernos do Beiral

O editor sugeriu que o livro fosse prefaciado. Descarto a reverente intenção pelo mal-estar de comprometer quem, por certo, encontrará muitos senões. O próprio espírito dos Cadernos é o lance da espontaneidade. Por mais purista que eu pretenda ser, embora pouco conhecedor de uma língua tão rica como a nossa, curvo-me à sensibilidade de quem optou pelo mais condizente formato segundo o espírito que norteia a obra. Existe aí, no livro, pequenas e falhas maiores, face à ortografia de antes e depois da reforma. O caráter híbrido se coaduna com o que deve motivar outros a também fazer os próprios cadernos, como diários conceituais e de reflexão. Eles transcendem a uma linguagem escorreita. Fazê-los sobre o joelho, ainda que o propósito seja o de realizar literatura, ou escrever bem e melhor, mais importante é entregar-se à tarefa com identificação.

Identificação com o que há de alma a revelar. Hoje, no final das duzentas páginas do 17º Cadernos do Beiral, evidencia-se o papel de esboço de realizações futuras, ponte que se liga ao meu blog e me impulsiona nos campos da arte e

da literatura. Posso falar que, se a empreitada der certo, permitiria que se emprenhe cerca de 4 mil páginas, texto e imagem, naturalmente, dentro do extraordinário poder de essencialização do Instituto Câmara Clara. Imagem e memória, o que há de mais profícuo.

O destino deste livro é descongelar quem não se dispôs a pensar sobre o vivido, sem medo de ver espelhados os próprios males e bondades. Tornar conscientes conteúdos inconscientes pode ser a melhor pedida. O antes e o depois descontínuos, erros e acertos, sentimentos e emoções, conquistas e frustrações pertencem à linha desse meio de expressão.

E caso, meu caro leitor, jovem ou velho, criança ou adulto, conhecedor da língua ou iniciante em seus segredos, se sinta interessado em ajoelhar-se no confessionário dos cadernos, me regozijo por vislumbrar eco entre as sombras, também luminosas, que nos animam.

Euclides Sandoval

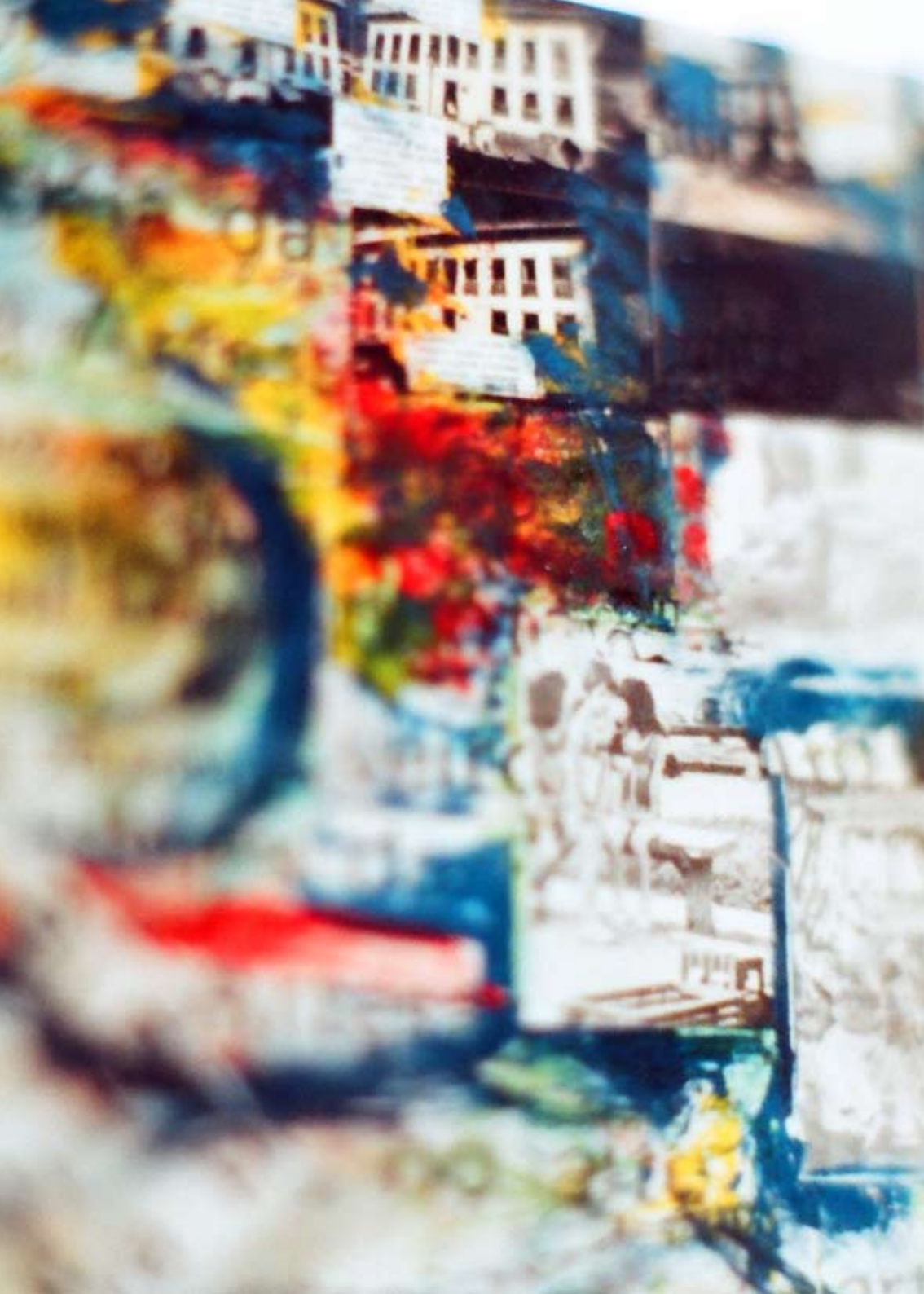
MODIFICATION - TS

OU

REGISTRATION

OF OUTPATIENTS?





Terça-feira, 16, março

Embaralhar tempo e espaço. O abrangente é o espaço. O tempo costuma ser o problema. Sonhos, assim como a realidade, embaralham o dentro e o fora, o antes e o depois, o espaço e o tempo.

Ordem e desordem, construção e desconstrução... Paradoxos tão presentes como o que chamamos de realidade. Cavalo que ergue a cabeça enquanto pisa na lama.



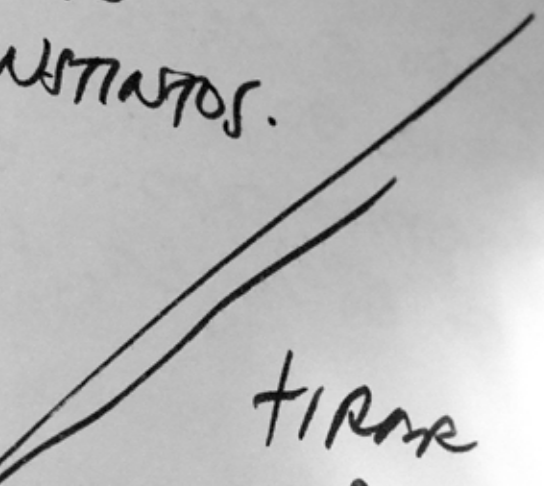
Domingo, 21, dezembro

Nossa vida precisa ser memorável

O fundamental e o acessório. Aprender a distinguir o que é excesso, dispensável. Estruturar-se e se fortalecer, captando o que tem mais a ver com nossa auto-realização, com a profissão e a carreira. Estas não devem sacrificar o bem-estar existencial. Vivemos aprisionados numa teia de superficialidades. Há aqui um belo exercício de antecipação do próprio futuro, desafio que nos vale a pena propor. Muitas visões da realidade, em geral, injetadas em nós desde a infância. Tantas versões do mundo em que vivemos. Sei que a vida e o mundo não são facilmente compreensíveis. Nem é fácil a clivagem do certo e do errado. Regras do sucesso - o que todos procuram? Só que a vida precisa ser memorável.



BR
INSTANTOS.



TIRAR
DO
EXEMPLO
A
ÚLTIMA
GOTA
DE
DOCURA.

OR SURGE PLANO E
ÇÃO. O JOGO PEDAGÓGICO
'AWANTECU, BUCO MINHA
COM CONCESSÕES.

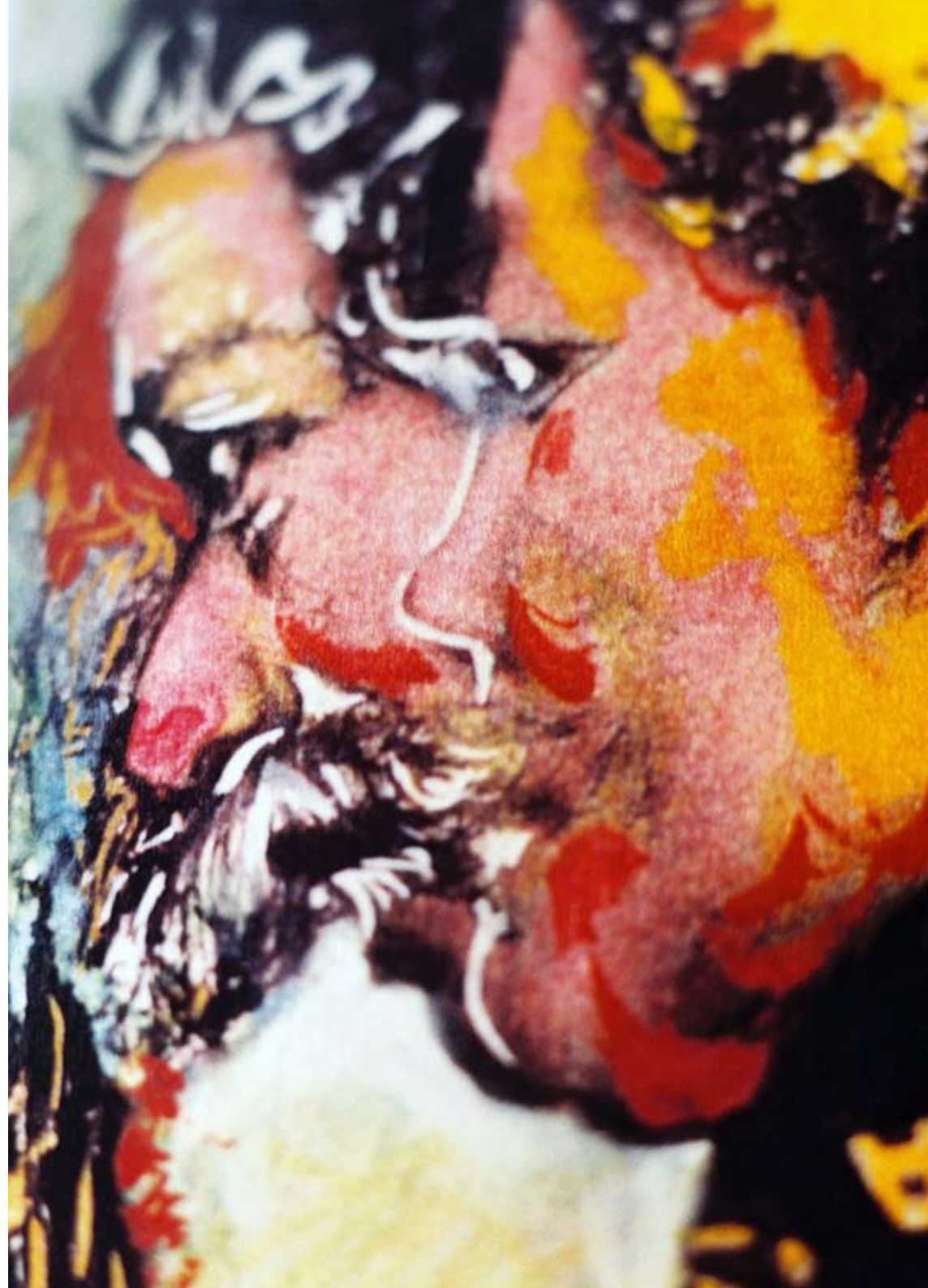


Antes de uma
aula é preciso
que o professor
durma e sonhe.



Segunda-feira, 22, Novembro

Desde que entendo por gente, como professor, há mais de quarenta anos, a grande questão tem sido o paradoxo saber ou prazer. É como se fosse válido, ou mesmo possível, imaginar que alguém possa aprender sem prazer. Algo pregado em nossa pele não faz parte do organismo, não se identifica com ele. Será uma coisa estranha, desintegrada, fora daquilo que representa uma totalidade humana individual. É como o saber-memória, cumulativo, concebido por uma elite intelectual, autoritária. Coisa do arco da velha, não é? Agora, aquilo que buscamos por desejo, pode ter muito mais a ver com necessidades vitais, e, se alcançado, passará a fazer parte de nossa natureza. Não será uma coisa descartável, mas algo orgânico. Em todos esses anos de magistério lembro várias situações de encontro de professores em que alguém, mais afoito, falava no ensinar a pescar, como mais importante do que dar o peixe. Quer dizer: o poder que está por trás da resposta não é o que importa, mas buscar a resposta que faz sentido, pelo próprio aluno, motivado a perceber a sua necessidade existencial. Ele pesquisa, orientado pelo professor. Aí, o saber não será um mero esparadrapo pregado sobre a pele. Quem age e o como agir, uma coisa só. O aluno integrado com o objeto do conhecimento, no papel da criança que brinca sem interferências autoritárias. Aliás, a criança no útero não chupa o próprio dedo, o que vai ajudá-la no ato de mamar? Imaginem um adulto bem educado surpreendendo-a nesse comportamento.



A Escola do Prazer

le que entendo por gente, como professor, há
enta anos, a grande questão tem sido o parado
razer. É como se fosse válido, ou mesmo
inar que alguém possa aprender sem pra
do em nossa pele não faz parte do organis
fica com ele. Será uma coisa estranha, de
espelho que representa uma totalidade humana
no se vêem acumulativa, cumulativa, com
na história, cumulativa. Como do arco da
que sempre por sempre, pra

Quinta-feira, 5, fevereiro

Dar aulas, *por trás um modelo.*

Dezessete anos de aulas de arte, na faculdade. Quero começar propondo um consenso.

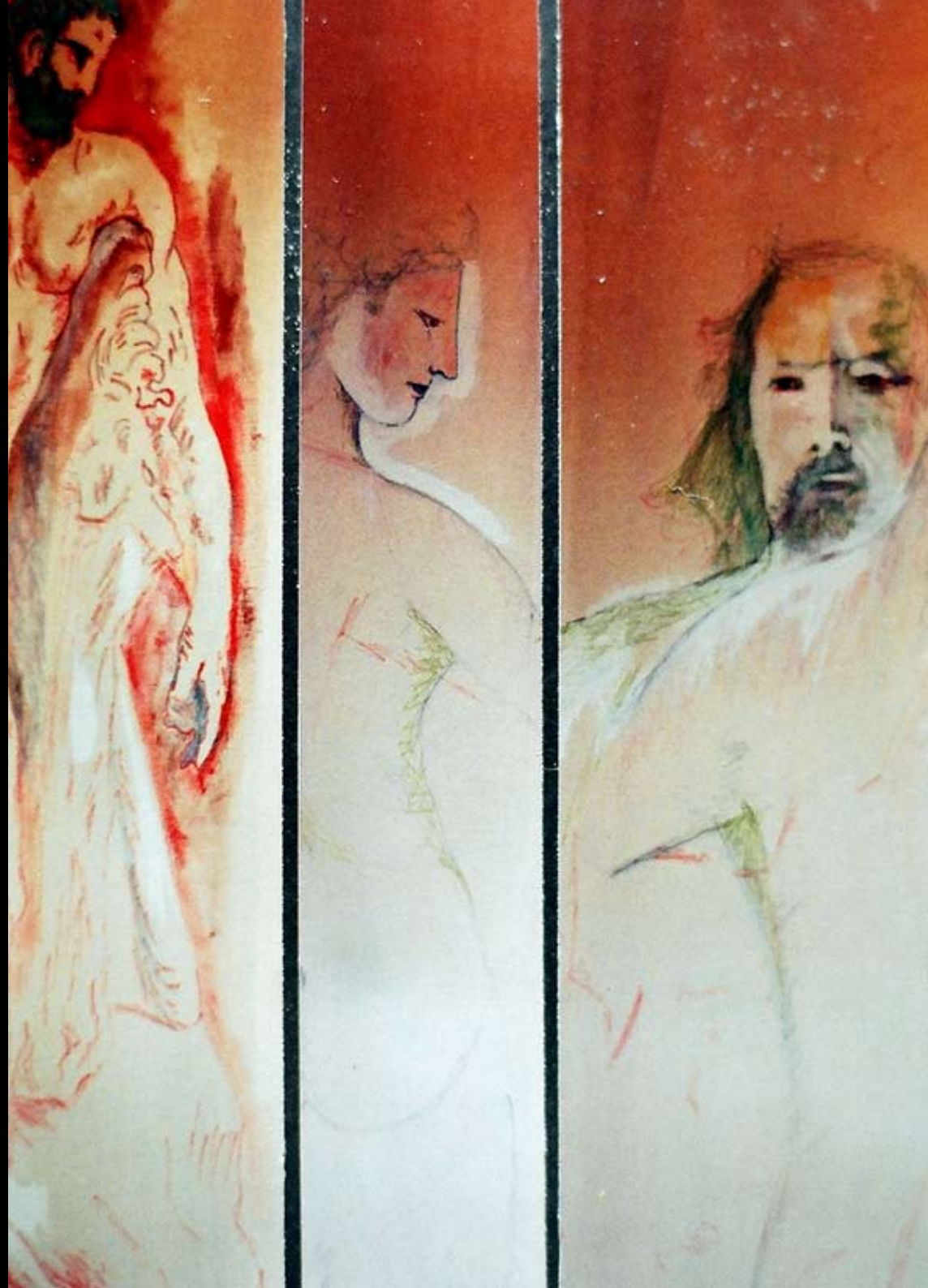
Vejo os alunos como abrangentes no processo pedagógico. Num primeiro momento, o problema está no professor (por pior que seja a instituição).

Como agente, o professor propõe...

Os alunos, dispõem.

Neste ano quero mudar o modelo que adotei em anos anteriores. Professor, mesmo que não queira, manipula. Um problema é a heterogeneidade de interesses, mas as diferenças individuais também enriquecem.

* Fomentar o diálogo e o envolvimento pessoal (interação)



Aprender é apreender a si mesmo.

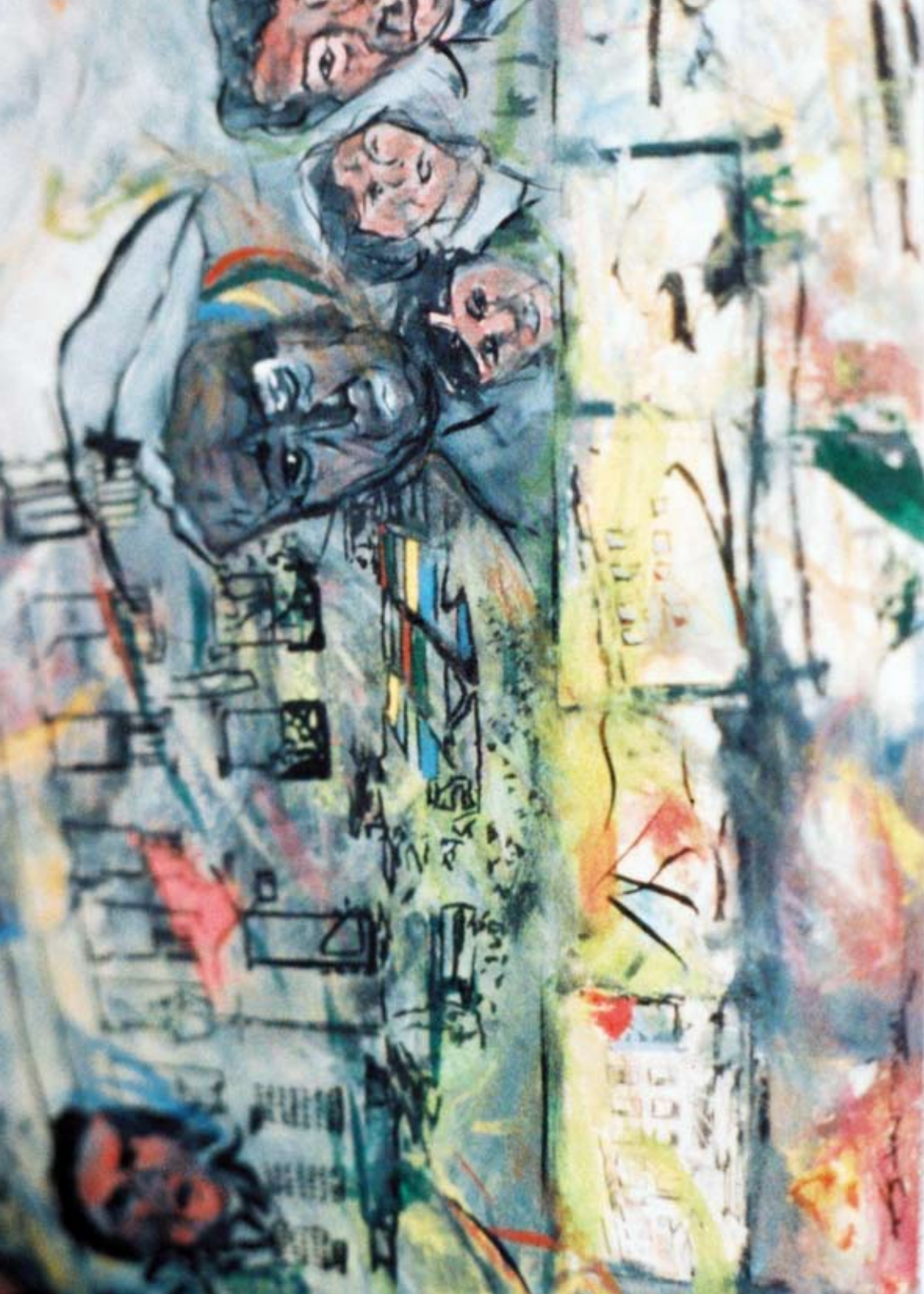




Sábado, 14, janeiro

Estou lendo “A Teia da Vida”, de Fritjof Capra. Meu velho hábito de combinar leituras. Voltei ao clássico “O Ponto de Mutação”, do mesmo autor. Pensar em crise e oportunidade faz bem ao espírito. A crise é, principalmente, crise dos sentidos, de percepção. A consciência perceptiva, mesmo com nossas limitações de espaço e tempo, além de conhecimentos que não se esgotam, deve ser trabalhada no cotidiano existencial. Que as coisas precisam mudar, precisam. Desafio e resposta é o que impulsiona civilizações e indivíduos na direção de novas atitudes, comportamentos de outra ordem, e um paradigma mais integrativo. Sei que o difícil é aceitar diferenças, acostumados que estamos a buscar semelhanças. Respostas bem sucedidas acarretam desequilíbrios, a requerer novos ajustes criativos. Mudança exige coragem. Radicalidade no agir e pensar pode dificultar a adaptação a situações cambiantes.





Domingo, 14, dezembro

Somos um privilegiado em meio a tantos sofredores. Cortar o que não quero, agora com idéias mais claras sobre o que me autodestrói. O que não vale a pena é acalentar o ócio passivo. Apurar as relações com pessoas, animadas, coesas. Cultivar o que faz sentido na linha da auto-realização.

Longe da imobilidade dos esclerosados. Dor e amor. Meu organismo se fortalece na criação. Alguns êxitos não prejudicam se valorizamos mais ainda os processos.

O mundo está transtornado pela violência.

O antídoto é a arte.

Sinto que devo me dedicar ainda mais às performances. Nelas, o maior responsável sou eu comigo mesmo.

Leio em “A consciência de Zeno”, de Ítalo Svevo: “A vida assemelha-se um pouco à enfermidade, à medida que procede por crises e deslizes e tem seus altos e baixos cotidianos. À diferença das outras moléstias, a vida é sempre mortal. Não admite tratamento”. (Pág. 382, tradução de Ivo Barroso.)

Eu me expando
da inércia;
me contraio
da expansão;
me enfraqueço
do fortalecimento;
me derroto
pela exaltação;
me despojo
depois da aquisição,
me encurvo
depois de permanecer
reto;
fico vazio,
depois de permanecer
cheio;
fico gasto,
pela constante renovação.



Terça, 26, maio, 23h33

Lendo *As Intermittências da Morte*, de Saramago

Tempo é imagem. Quero dizer que tempo é tempo psicológico. Você sente quando ele passa ou não. Por vezes é preciso suportá-lo. Há momentos em que ele anda tão depressa que chegamos a lamentar: “Falta tempo”. Quero tempo para terminar o que estou fazendo... Ou, o tempo que tenho me basta. Preciso esquecê-lo ou desejo conquistá-lo. Se o tempo é imagem da eternidade, todo ele - passado, presente e futuro - se equivalem. Coexistem simultaneamente. Agora, imaginem um ato de prazer que não tenha fim, que não termine. Ele se tornaria insuportável. Então, tudo o que se completa deve terminar. Aceitar isso pode parecer difícil se pensamos em morte. Única coisa real em nossa existência. Nascer só é real para que a morte aconteça. Dizer que a morte é a única coisa real não é a mesma coisa que a vida, pois não é preciso nascer. Só é preciso estar vivo para morrer. Nem falaríamos em existência se não houvesse esse termo julgado tão inoportuno. Simplesmente diríamos “estou sendo”. Isso, enquanto vivo. Viver também pode parecer algo psicológico, você se percebendo ou não vivo. E o depois da morte? Aqui um campo de conjeturas, a solicitar estudos e pesquisas, apelos e sincronicidades. Campo do possível ou do provável. Questão de bom senso, vale a pena imaginarmos os sonhos que teremos quando escaparmos ao sono da morte? A pergunta foi feita no célebre monólogo de Hamlet.



Não quero segurar
os raios da roda,
que faz rolar
os anos.



enfrentar...

AS VICISSITUDES DO MUNDO,

DA VIDA E DA MORTE

A INSTABILIDADE E A EFEMERIDADE

DA VIDA

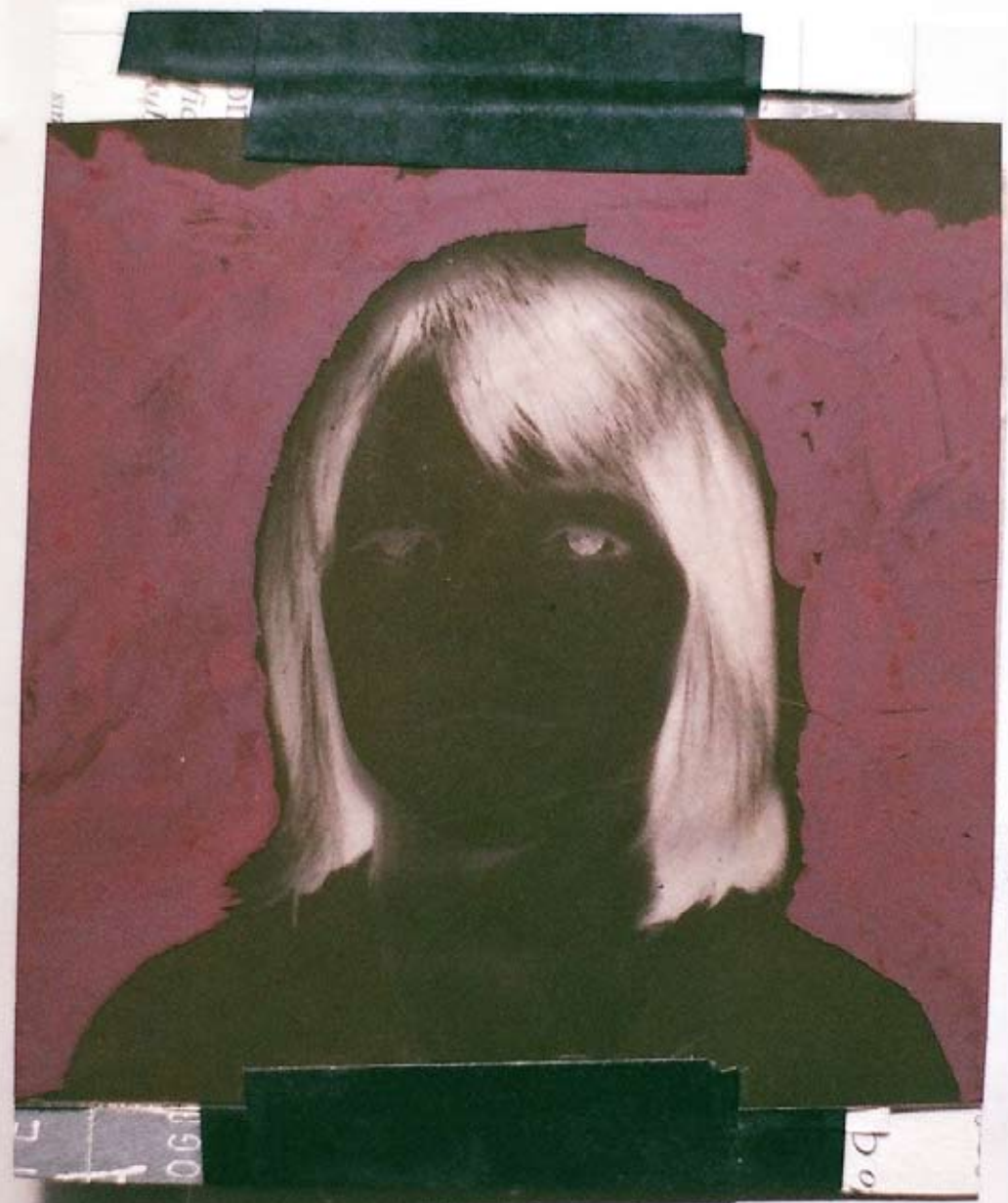
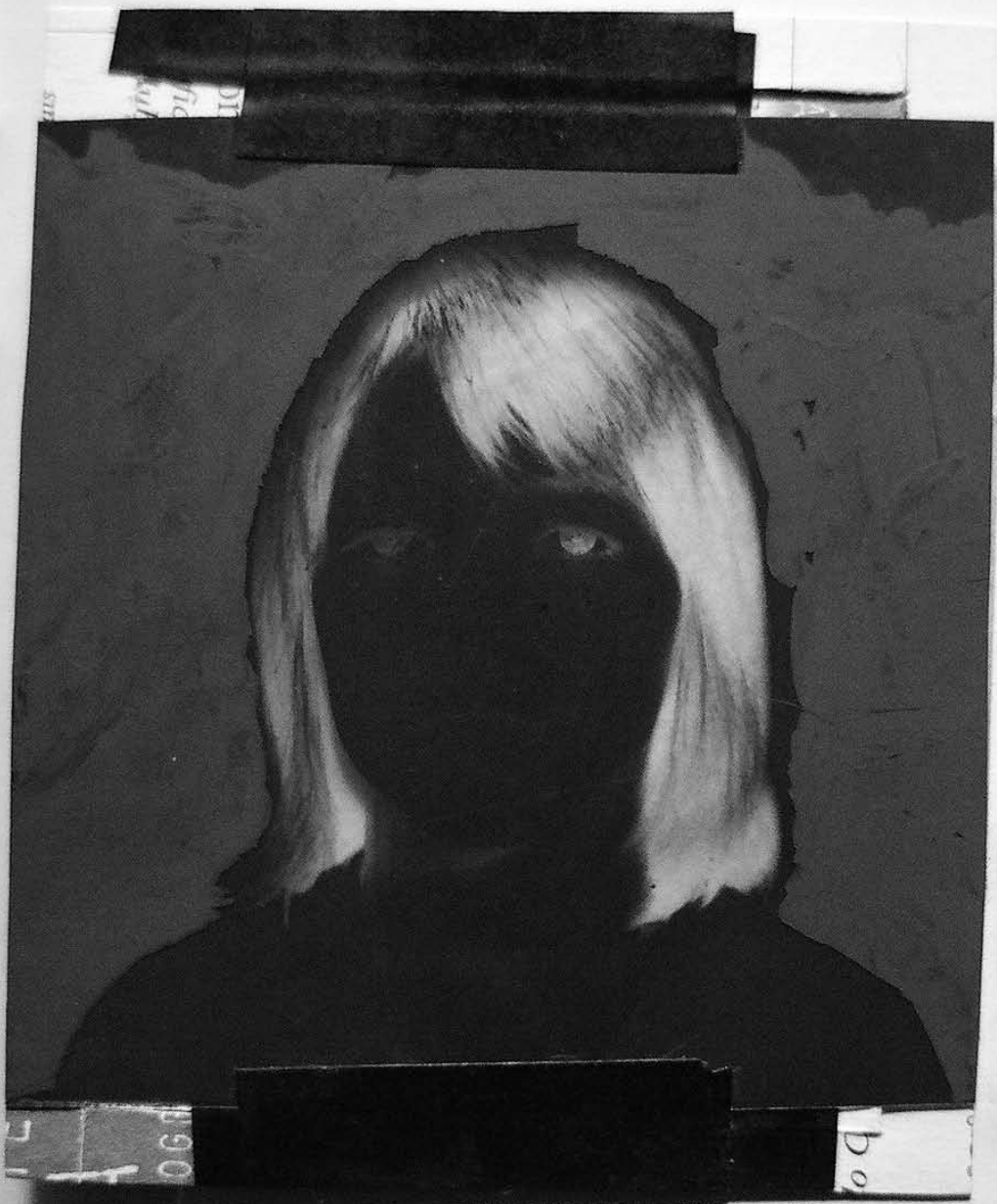
A AGITACAO DO MUNDO

A VARIACAO E A INQUETIDAO

Domingo, 28, maio, 17h23

Recado talvez de antiajuda.

Mente em sintonia com o corpo. Corpo são também sentimentos e sensações. Não esquecer que cada milímetro da pele pensa. Ter na vida racional (pensamentos), elo com a intuição mandálica ou o divino (não importa o nome). Não se precisa do místico, nem do guru, nem do psiquiatra, nem do messias. Temos o manancial inconsciente, fonte de todas as soluções. O problema é como acessá-lo. Através dos sonhos, mecanismo de auto-regulação essencial para a sanidade, muito se aprende ao abordá-lo. Para início de conversa, crie um diálogo entre os elementos do sonho. Isso, na primeira pessoa. Não queira interpretar racionalmente o conteúdo do sonho, pois ele é pré-lógico. Inconsciente, natureza, uma coisa só. No inconsciente, o cultural desde a nossa origem, na ancestralidade. Por falar em acessar, ter acesso e se fazer acessado - penso na consciência e na sensibilidade dos outros, encontro existencial. Outra sugestão: Encarar a vida e a arte como descontinuidades. Fora da órbita que propomos: as novelas televisivas, o jornalismo mercadológico com suas agendas inalteráveis; o romantismo doentio (dele faz parte a atitude maniqueísta dos tipos puros, bandidos e mocinhos); a concentração de renda; todo tipo de discriminação (você pode ser contra uma ideologia sem condenar o filho que a aceita e pratica); toda e qualquer forma de violência e belicismo... E para quem não concorda comigo, pense nisto: uma grande maioria se diz religiosa, outros praticantes, cristãos, etc., mas o que vemos generalizado é a vingança, ao contrário do perdão. Tirando o caráter de conselho para o que estou dizendo, sei que num nível mais perceptivo, a gente pode estar cometendo as besteiras citadas. O problema é quando elas viram comportamento repetido ou institucionalizado.



A Verdade?
Só a verdade
em verdade.

Quinta, 24, novembro

Uma das *entradas* para melhorar o ensino seriam as terapias, o anárquico responsável (parece incongruência para os poucos avisados... de qualquer modo, não confundir o anárquico com o terror); o professor performático... Criar condições de aprendizagem através do sensorial... A percepção como o abrangente... O agente-problema, seria o blabláblá conceitual... Quando se usa a teoria pela teoria, não de forma funcional.

Chega de alunos ruidosos...

Precisamos de professores ruidosos.



Domingo, 15, janeiro

Mais do que receita de autoajuda

Há tempos proponho aos meus alunos de graduação que criem os seus Cadernos, forma de autoconhecimento. Em geral, eles são apresentados como um eletrográfico do cotidiano. O que acontece no dia-a-dia.

Minha proposta inicial é que seja um registro, imagens e escrita manual, coisa diacrônica. Que agrupe dados sociais, culturais, etc., de forma reflexiva, sempre datados, mostrando o desenvolvimento do autor do Caderno ao longo da própria vida. O ideal é que inclua sonhos, projetos (até os delirantes), a expressão do que se retém e é inconfessável, e por aí vai. Terapia? Sim. Carrega esse sentido. Grandes pensadores, artistas e escritores, tinham os seus Cadernos.

O filósofo Heidegger recomendava a rara atitude de pensar contra si mesmo.

Na total liberdade dos Cadernos, mais do que no caso público dos blogs, é cuidar para que a vida não seja só pensada em termos de abstrações grandes e pequenas... O que costuma acontecer nos relatos diários, marcados pelo compulsório. Escrever por obrigação, sem tesão. Uma pena que o sensível, o momento, o considerado sem importância, não chegam a ser levados em conta.



Quarta-feira, 24, maio

Cada vez em que alguém se sente sob a ação de um professor forte, é como se a pessoa se anulasse - caso seja o caso de se expressar diante dele. Só ao longo do tempo a gente vai se libertando. Pode acontecer de se introjetar o professor. Transcendê-lo é o grande passo. Em geral se desaprende ao pretender copiá-lo. Perde-se a própria identidade. Não se é ele nem si próprio. Parece que a libertação acontece fora do raio de ação do especialista. O educador e escritor Lauro de Oliveira Lima, que conheci tão bem, compartilhando-lhe o convívio durante certo tempo, dizia que o melhor professor é o aluno que está aprendendo. O aluno é quem melhor conhece as dificuldades de quem ainda não sabe, ou não adquiriu a necessária destreza. Ao recomençar minhas aulas de violão - agora com novo professor - a sensação é que desaprendi o que sabia.

Quinta-feira, 25, novembro

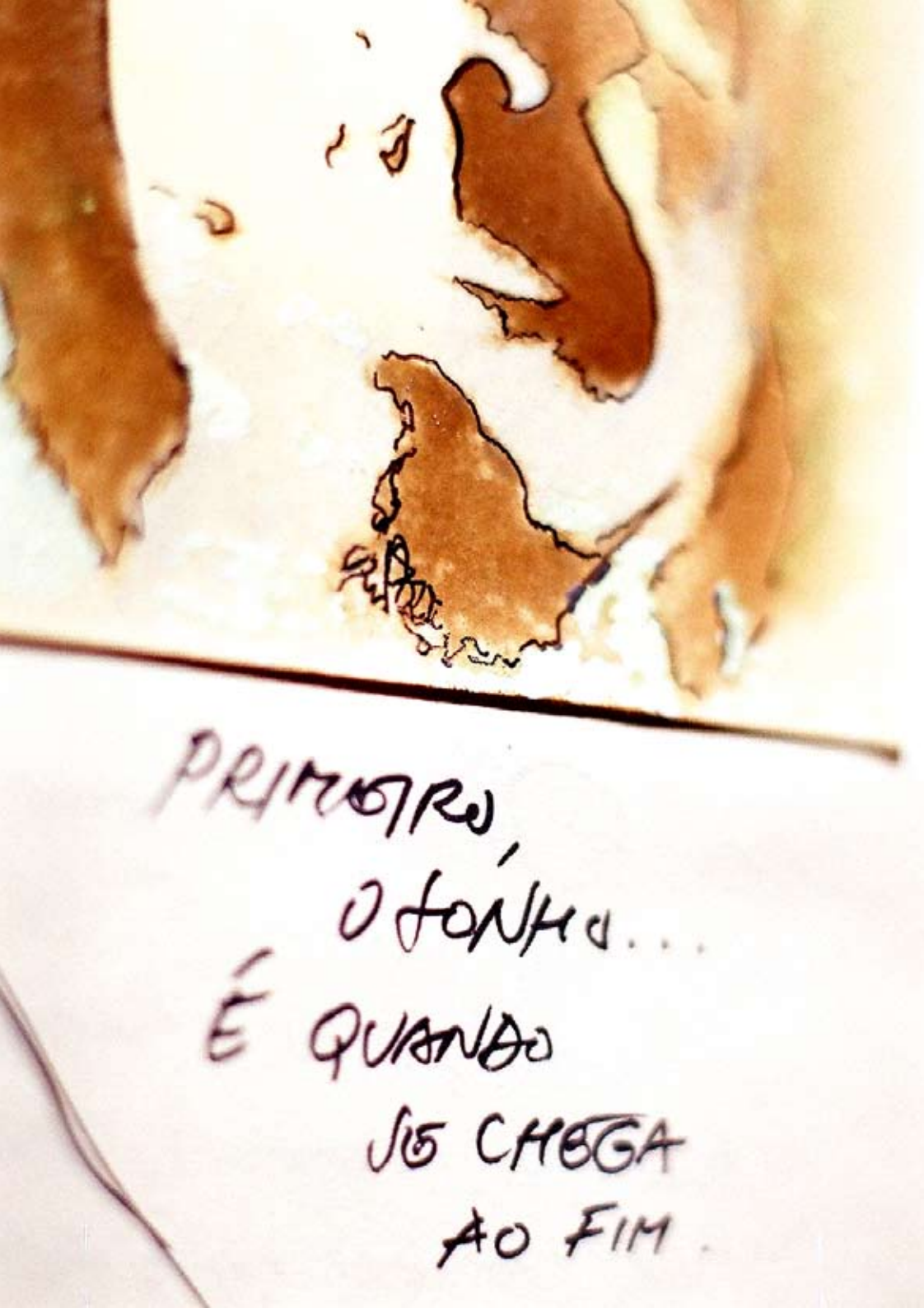
Sei que para muitos professores o problema com os alunos é como discipliná-los e controlá-los sem lhes subjugar o espírito. Se não conquistarmos o amor do aluno, pouco de construtivo podemos fazer. A dança de salão é um passo nesse sentido. Como nos grupos de encontro, o ideal é ter um professor e um assistente - este podendo ser, eventualmente, de outro sexo. Na vida, tudo não se reduz ao feminino e masculino? (V. a filosofia oriental do Yin Yang.)

O professor precisa desenvolver a capacidade nuclear de perceber distinções entre as pessoas. Em especial, contrastes nos estados de ânimo, face a temperamentos, motivações e intenções. Há intenções e desejos não revelados.

Através da dança de salão jovens e adultos podem redescobrir o próprio corpo. Expressar-se, sério problema dos jovens e de muitos adultos. O movimento corporal ajuda. Pode-se agregar ao corpo diferentes linguagens rítmicas.

É como se transformasse o corpo em laboratório para múltiplas experiências. O corpo possui segredos e sutilezas, além de uma sensualidade que vale a pena conhecer e bem administrar. Com a dança de salão se aprende a lidar com si próprio e com o outro. Desenvolve-se a inteligência interpessoal. A intrapessoal tem a ver com autoconhecimento.





PRIMEIRO,
O FONÉTICO...
É QUANDO
JÁ CHEGA
AO FIM.

Quarta-feira, 14, janeiro

Metalinguagem

Ainda fiz muito pouco. Chegará o momento em que as escolas irão trepidar. Aí terei cumprido o meu destino. Quero escolas como oficinas, centros culturais, não com professores como os conhecemos, mas com facilitadores e suas experiências.

Depoimentos funcionais numa troca com reciprocidade. Nada de ser dono da verdade, despersonalizando quem realmente quer aprender mas não é encorajado a arriscar e errar.



UN BASTO
À MANIPULACIÓN
CORPORATIVA.

... o destino dos estudantes é negociado às costas deles. ... a natureza. selvagem, para mim, é ver for L...



O destino dos estudantes

é negociado às costas deles.

Segunda-feira, 1, março

Nos centros culturais se aprende; nas escolas, se retém conhecimentos. De um lado, o aprender que transforma; do outro, o que se retém para a tortura de provas e exames. De um lado, exercício de autonomia; do outro, treino angustiado de dependência, no altar do deus mercado.

Poderão dizer: não é bem assim... O cara é sinistro. Há mais de quarenta anos, sou professor. Passei por todas as áreas do ensino. Áreas e níveis. De behaviorista me tornei interacionista. Posso falar com firmeza sobre situações em que o aprendiz é caixa de respostas, obcecado pelo poder que está por trás das respostas do professor, obediente seguidor do sistema (massificado) e capaz de interagir como sujeito. Tive também alunos fundamentalistas, seguidores de psicologias inatistas (“quem foi rei, não perde a majestade”, “pau que nasce torto...”).

Nos centros culturais, quem ensina, não ensina. Cria situações para que se aprenda agindo. Aulas recebem o nome de “oficinas”. É quando se vivencia um saber existencial. Experiências vivenciadas, com gente autorizada para prestar depoimentos. Laboratórios, onde se pode explodir o universo. Clima autorregulável. Sem pressão, mais fácil que se assumam responsabilidades. Não há notas. Quem não se sente bem, pelo fato de não ser conduzido, tem liberdade para levantar voo. Então, centros culturais – para dar um nome – são muito mais energéticos que escolas. Agora, não sou idiota a ponto de não admitir que há centros culturais como escolas formais e escolas formais como centros culturais.

Eu, hoje, como pai, aprendi que aulas tipo oficina têm mais a ver com filhos inteligentes, mais capazes de tomar iniciativa, com maior espectro criativo. Sei também que filhos com diploma, a partir da escola formal, possuem passaporte mais digerível por um sistema bitolado por respostas-padrão. E dependendo de certas destrezas, o aprendizado técnico e científico por etapas pode ser indispensável, exigindo muita disciplina e sacrifícios (caso dos médicos, engenheiros, químicos, etc.). Agora, sem muita vivência, ensino demonstrativo, exercício e experimentação, não se chega a uma boa performance.





Quarta-feira, 26, maio

Minha atividade pedagógica... A sensação é que não caibo mais nos espaços escolares. Na realidade é o lugar de gente sem curiosidade para aprender. O que é pior: sem professores instigantes. A escola deveria ser essencialmente um espaço voltado para inventividade e experimentações...

O que o teatro faz: promove “a química do aprender”, misturando o viver com a arte. Ligar vivência ao imaginário. A descoberta da vida deve estar associada à descoberta do teatro, onde se encontram as mais variadas formas de expressão, da literatura às artes visuais e sonoras, integrando corpo e mente.

É preciso enterrar o aprender obrigatório, o que torna a escola um fardo. Conectar a vivência ao cotidiano, desenvolver autonomia de pesquisa, habilitando para que se invente e se arrisque no maravilhoso jogo da vida, jogo para que se passe da semente à árvore adulta. Ir ao teatro, fazer teatro, oportunidade de se projetar na carne dos atores, e, quando se é tocado por eles, sentir-se também participante, dentro da obra de arte. O teatro provoca para que se torne a vida uma festa. Da representação para a apresentação. Do ser dirigido, para dirigir.

Em nossa sociedade e cultura, há um excesso de informação. A arte, por essencializar, nos ensina a ser seletivos na direção do que é substancial, do que faz maior sentido. O gesto mais apropriado, a oralidade mais adequada, a melhor imagem no ritmo certo, a seqüência que deve ser linear ou descontínua, o balanço certo do verbal e do corporal...

Nos meus grupos de teatro os atores são o abrangente. O agente sou eu, naturalmente o problema... Num primeiro momento clima anárquico, sincrético, o caos. Aos poucos, na medida em que o pescoço aguenta, surgem seqüências, o antes e o depois. Sempre boa margem para novas ideias, o improviso. Muita ansiedade e angústia, aumentadas ainda pelo fato de se tratar de voluntários. As pessoas estão ali pelo afetivo, pelos laços e desafios autopropostos.

Terça-feira, 23, dezembro

(Brincando com Shakespeare)

Deixo ou não deixo as aulas, eis a questão. É sorte ou missão, estar se esforçando para sensibilizar quem não se interessa por aprender. Mandar tudo às favas? Desligar-se é como morrer para o regime da escola. Morrer, dormir, partir para outra, nada mais. Dizer que assim se cura um mal que nos afeta é uma coisa que não se pode aparentemente desejar.

Morrer, dormir... Dormir, sonhar talvez.

O que vamos fazer, e como vamos estar, quando escaparmos da tormenta que é dar aulas para essa gente? Dando aulas se está em relação com filhos, irmãos, parentes e pais. Mas há muita perda de tempo. Quem quereria gemer, suar, sob o peso de uma vida de canseiras... Suportar aquele vaivém de alunos nas classes, como se o espaço das salas fosse vagões de metrô; o desprezo pelo mestre, nos tempos que vão correndo; as injustiças de quem dirige o sistema como uma empresa de negócios; as afrontas do orgulhoso, mais preocupado com a própria imagem; as torturas das relações incompreendidas entre quem ensina e quem deve aprender; a necessidade de seguir programas e transmitir o que não serve para nada e é só saber-memória; a insolência dos controladores e dos que se submetem a regras idiotas; os pontapés que o mérito paciente recebe dos indignos, quando poderia alcançar a paz, simplesmente se desligando dessa instituição retrógrada...

Eis o que nos embaraça a vontade: a possibilidade de nos afastarmos do conflito para viver na apatia que nos torna pessoas esclerosadas. Aí nos decidimos a continuar suportando os males de que sofremos para não encontrar outros que não conhecemos. É assim que a consciência faz covardes de nós todos. E as cores de nossa resolução mais firme empalidecem perante o frouxo clarão do pensamento que se aposenta... Aí se volta ao nada da imaginação.



OSAFFA ON

DE MIN

NESSA TERRA

FOR FILM.



Domingo, 21, dezembro, 1h45

Com todos os senões
ou não que me impus,
continuo professor.

Leio opiniões do professor e escritor George Steiner: Hoje, no ocidente, se perdeu a fé, não apenas na divindade, mas na própria humanidade; houve um aviltamento da linguagem e do aprendizado na sociedade de consumo; enfraqueceram as relações entre professores e estudantes e a própria ideia de autoridade; a ideia de respeito por um professor, um mestre, é quase ridícula; em lugar de aprender, hoje reina, suprema, a (idéia) busca do lucro; vivemos sob o fascismo da vulgaridade; os recém-formados inteligentes anseiam por encher seus bolsos, não suas mentes (nunca, antes, a voz do dinheiro falou tão alto); os grandes mestres atrapalham os esquemas de poder.

Me prendi aqui: A parceria “erótica”, num sentido espiritual, entre professor e aluno é a marca do verdadeiro aprendizado.

Nada melhor do que a metáfora da dança de salão e do abraço para garantir a reciprocidade professor-aluno. Eis uma maneira concreta de se opor à barbárie.

Assim se pode enfrentar o que se tornou extremamente difícil - **a relação entre mestre e aluno.**

**Só para serem vistas
Ou com vozes
Que gritam do seu interior
E anunciam desastres
Que não acontecem**



Caminhar

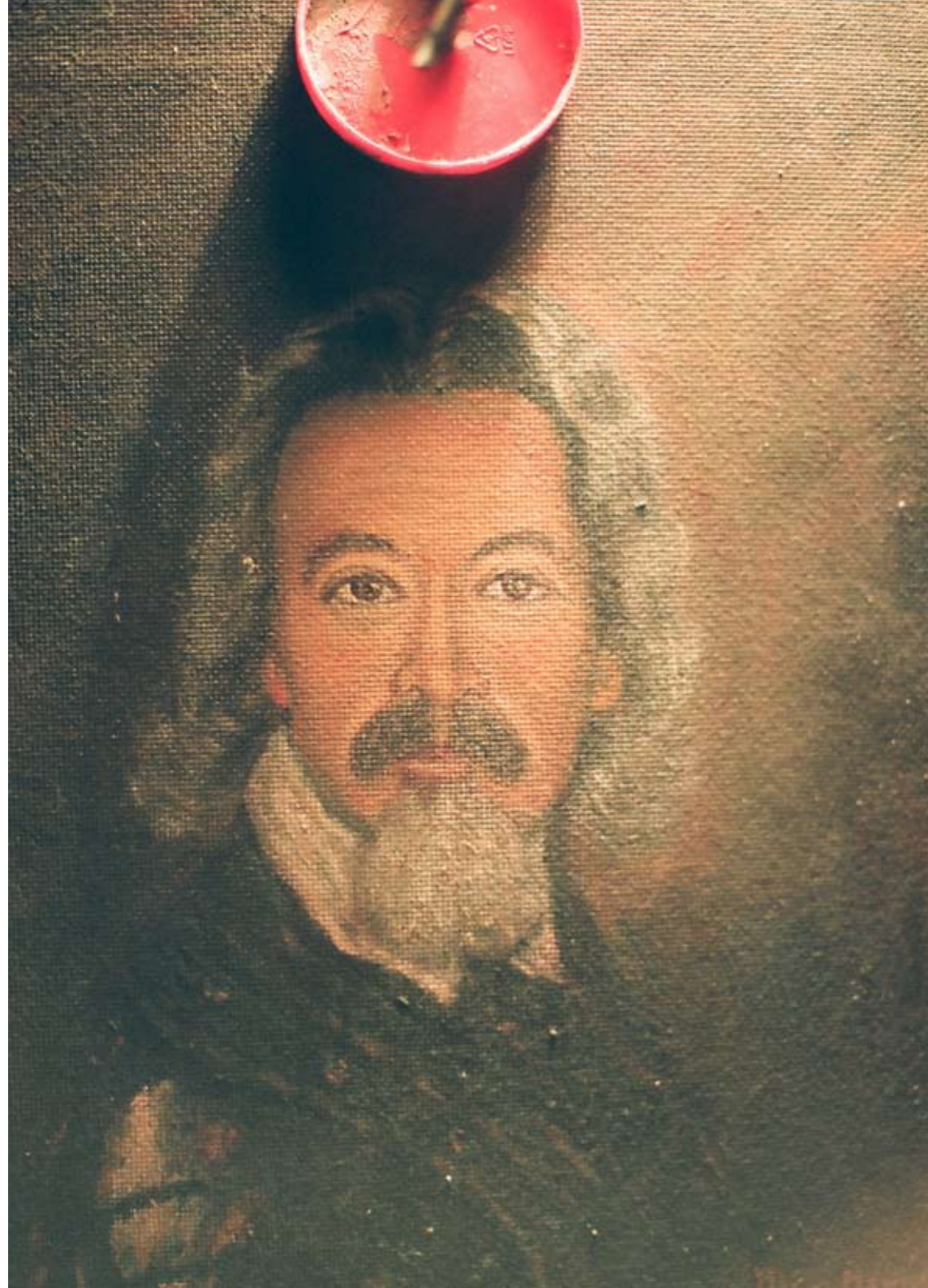
Por curvas

Não é

Fechar

O

Círculo



... LINHA...
... DE FOCO
... O FOCO CONFORME
... Já disse preferir a mobilidade do risco.
... Globalização, violência, o papel da mídia,
... a cultura como abrangente no
... binômio cultura/educação, a
... reificação do trabalho, auto-realização
... e sobrevivência, a arte como
... "entrada", num mundo sem saída.

Recuso a especialização.
Não tenho uma constância
temática, nem um só foco
permanente. A multiplicidade
de interesses é o que me
motiva. Experimentar linguagens.
Troco o foco de atenção.
Conforme muda a realidade.
Já disse preferir a mobilidade do risco.
Globalização, violência, o papel da mídia,
a cultura como abrangente no
binômio cultura/educação, a
reificação do trabalho, auto-realização
e sobrevivência, a arte como
"entrada", num mundo sem saída.

A, DESASSOSSADO, MEDO... A QUÊ LEVA ISSO?
A "ILUSÃO DE SIGNIFICADO". (FUNDADO) FELICIDADE,
BELEZA... SER UM "EU"... COM MEUS CAPACIDADES...
É IRONIA?...

... AU FÉ CONVERTER

EM TERCELA EM NATUREZA,

OBJETOS DA CULTURA,

A GENTE

SE RENCONTRA.

NO SEUS AÇÚCAR

É CRIAÇÃO

PARA ESCUMAR

À TORTURA

FIJADO
ZIMENXA!

HÁ UM MOMENTO EM QUE
É SUFICIENTE... HOJE
SER MEU PRÓPRIO AQUI
APRENDES.

PARTICULO DA EXISTÊNCIA

TRAVESSIA...

O MAIS

IMPORTANTE

VESTIBULARES

SIMILARES

15

OS BOTOS REZACCAVARS

EM RESTAURAO. NA ARTE, MAIOR AUTO-RE-

Quando todas as aparências
se transformam em
transparências

Domingo, 20, janeiro, 22h08

Cultura e ócio, o melhor negócio

O melhor momento de uma comunidade é quando ela investe no próprio espírito. Espírito, inteligência, sensibilidade, criatividade – palavras afins que têm a ver com a cabeça e o coração. Ser humano integral, corpo e mente como uma unidade. Isso está na raiz de todos os problemas se colocarmos aqui também a ética e a moral. Soluções estão prontas, basta ativar a dinâmica da cultura. Não falo da cultura adquirida em escolas, livresca, erudita, a que Heráclito, setecentos anos antes de Cristo, diz que “não faz inteligência”. Sei que o grande filósofo pré-socrático – o saber aqui é um sentir –, pensava numa cultura existencial, mais identificada com a ação. Ele pertencia a uma elite, e deixou tudo por uma filosofia mais existencial. Um dos primeiros ecólogos, homem afeito a uma práxis. Disse tudo isso para chegar a um ponto. Nosso município vive momento inédito. Nunca a cultura foi impulsionada com tal lucidez. Antes se imaginava Cultura (agora com cê maiúsculo), muito vinculada ao colete apertado da Educação, voltada para o entretenimento, sobretudo para o digestivo momentâneo. É preciso muita cabeça para fazer o que vem sendo feito em Atibaia... Espaços que viram espacialidades (espacialidade é onde se cria), bastante “biscoito fino”, como queria Oswald de Andrade (Oswald, não Ôswald). A repercussão do que se está fazendo atinge o grande público, cada vez mais programações gratuitas. Chego a pensar na época da tragédia grega quando os cidadãos nasciam para o sol para vivenciar teatro... e aprender a governar. Atibaia já tem até o seu teatro grego. Turismo cultural vai passando a ser realidade. Pensando em cinema, nossos festivais anunciam a existência de um celeiro de realizadores e fruidores dessa arte afrodisíaca. Esse estado de coisas, em ano eleitoral, faz um alerta: Precisamos de políticos sintonizados com o que estamos vivendo em termos culturais. O que está aí é para ser mantido e impulsionado. Lucidez para candidatos e eleitores.



Domingo, 8, março, 19h54

Estar no que se faz

Eu me alimento de idéias.
Queria que o motor fosse o corpo,
a ação... Mas não é. É a cabeça/
afetiva. Apenas aprendi, ou vou
aprendendo, que idéias precisam
ser vivenciadas, ou viram coisa
morta. Sei que o morto também
vive... Enfim, aquela noção de que
nada se perde, tudo se transforma.
Literatura vira refúgio, escape...
A sensação é que na arte a gente
se sente mais, como Eu. Outra
coisa é cultivar uma memória
inteligente, seletiva com relação
às coisas boas que vale a pena
lembrar. Cuidado com o que
recaímos, podem adoecer
coração, nervos, vísceras. Áreas
diversas em atuação, numa
transdisciplinaridade, pode
ser o que mais nos conforta e
autorrealiza.

O QUE FAZÁ DO MEU
BAÚ DE OSSOS?

NÃO SOU BORGES, NEM
JOÃO UBALDO, NEM
EUCLYDES DA CUNHA.

ESCREVO COMO UM MONJE?

VIDA LONGA, ARTE LONGA,
UM DESEJO. QUANTAS
RAZÕES PARA O TACHO?

UMA CASA MAIOR PRA VIRAR
INSTITUTO?

QUANTOS TEXTOS? COMO
HUBER-LIN? POR LIVROS,
ARTIGOS, VERSOS? E OS
QUADROS? OS CARTÕES?
AS FOTOS? AS ESCULTURAS?
AS PERFORMANCES? AS
ADAPTAÇÕES PARA O TEATRO
E A TELEVISÃO?

DATAS, ÍNDICES TEMÁTICOS
E ALFABÉTICOS... NOTAS
EXPLICATIVAS...

SE VOCE
SE PREPARAR PA
REPRESENAR TODA
REALIDADE
VIDA E DO MUN
O CONHECIMENT
DAS AÇÕES, QU
E IL PALAVRA-

NÃO QUERO DESVIAR A CÂMERA
NEM NUNCA CINZA...
É TRISTE.

QUESTA É INTERESSANTE
DESMAS
NÃO TEM CONTRA
DE TOMAR
O PODER.

QUERO ESTAR
COMO UM FRUTO
DO SOL.
PARA ISSO
PRELUDO DEZA...
DE QUESTA?

VIVO
A VIDA
COMO NUM
ENTREATO.

QUERO
AQUELE
HORRITO
QUE NUNCA
SE ENCONTRA
MAS

FOTOGRAFO
PARA OLHAR
MAS TERES.
QUANTO TEMPO
INTERROGO...
VIMOS A MONTA
ESTAR LÁ?

ESCREVER É COMO FOTOGRAFIAR. A RETENÇÃO DO INSTANTE
JÁ É UMA OBRA. A QUALQUER MOMENTO POSSO VOLTAR LÁ,
REVISANDO UM CERTO DIA SOB UM OUTRO PRISMA. CADA OLHAR
ACRESCENTA OU TIRA ALGO.

PROVA DE ESCREVER
É COMO DEBRAR
A JEMBR
DO MEL
DESTINO.

SIÃO, QUE TANTO ANGSTIA A MARIA, JÁ EXISTIA.
CHEIROSO SUPERFLUO NO CONFORTO CAMUFLADO DAS
INTENÇÕES...

SÍDUOS

Euclides Sandoval

ns, palavra,
corpo
ios
r não é poder
axe aprisiona
istar a razão
pelo coração
; para se ouvir
; para se ver
os o prazer
ia e o seu lado
de nostalgia
cumplicidade
no medo,
posto do amor
olhos e mãos
linhas, cores
exo
a a posse que castra
hores possibilidades
ar e ser amado
etivos indispensáveis
sconder o que não se confessa
ência é a forma
na a confiança
tar inteiro entre explosões
o conforto rico
ras
rumações históricas
is e sem energia
ismo
r dizer
cialize
leuses imperfeitos
rne um deles
iroso superfluo
nforto camuflado das intenções
os da mídia / Midas

SINTAXIS É BUCROCRACIA

INFÂNCIA: A ORIGEM MAIS GNERGÉTICA

(ÉDIA)
DOUQU JOURNOS OS PARANGOLET FOTOS
PELOS ISTORES, CABO UM NA SUA

CASAMENTO/TEJAMENTO

CONVIVER COM ESTA BANGUSTIA

FORMA E CONTEÚDO, UMA COISA SÓ

NA PUSA, APARIR MÃO DO
CHEIROSO SUPERFLUO... É
MAS GROTONSKI

...SUS PASSENTES,

Quarta-feira,, 24, dezembro

Se pararmos, a vida se vai emudecendo cada vez mais.

É hora de virar escritor. Nada substitui a primeira escrita manual, quando você escolhe o local e a posição para trabalhar, sem a intermediação da máquina. Ao lado, palavras e imagens, colagem de recortes, fotos e páginas escritas. O ritmo variado das letras formando palavras e frases. O tipo de caneta, ponta fina, ponta grossa. Cores e preto e branco. A disposição do texto, mais na horizontal ou inclinado. Sem aquele ruído eletrônico.

TEM FALTA DE...

COBRAS.

VOCTAR
AO QUS EFCRUI
& REVOLTAR

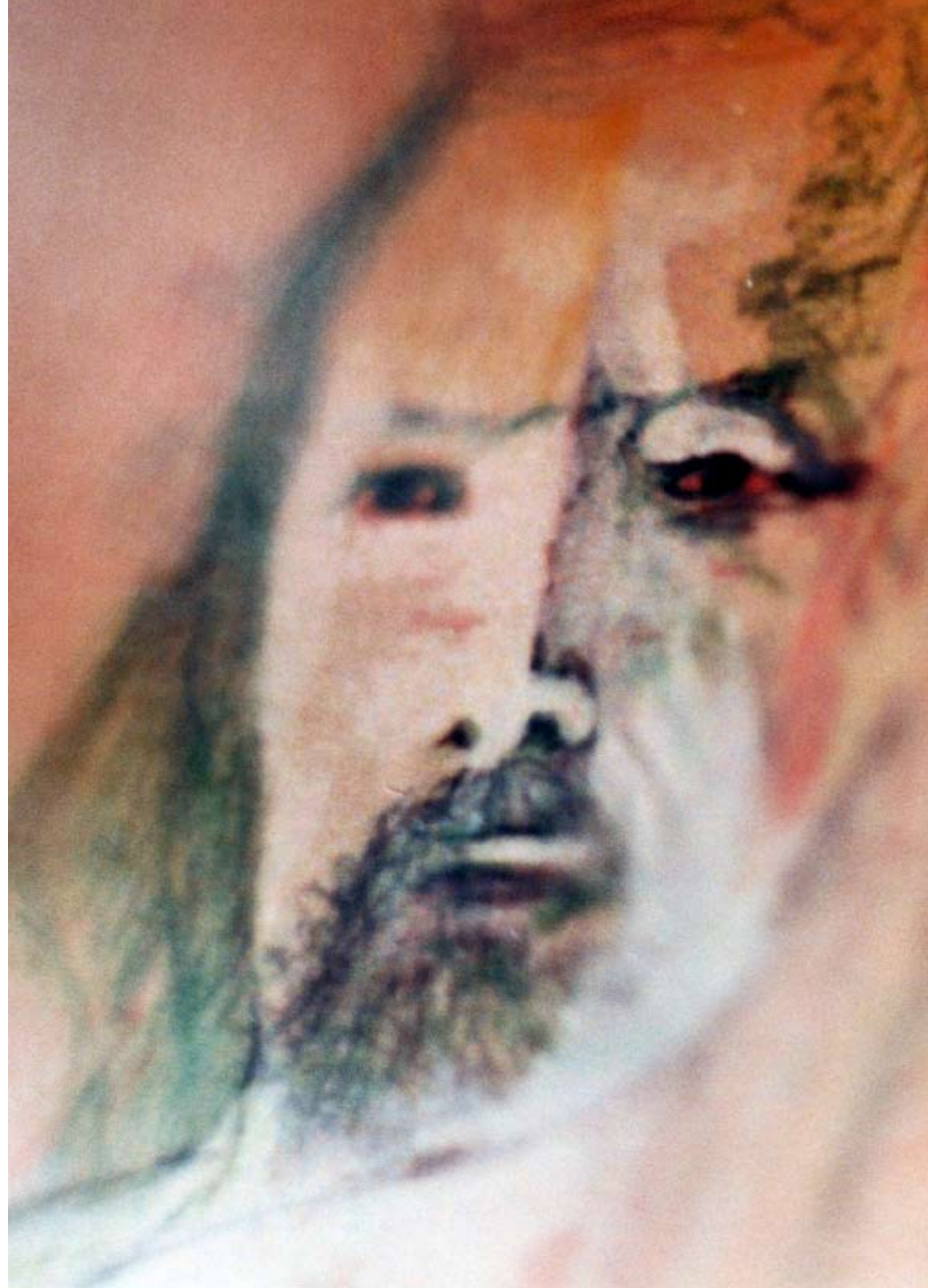
QUARTA-FEIRA,


24 DE DEZEMBRO

Segunda-feira, 29, janeiro, 17h21

Imortalidade no presente.

Eu me propus a fazer depoimentos no diário conceitual do meu blog. É quando você edita idéias e sensações na aldeia global da internet. Costumo falar em “sinal dos tempos”... Todas as épocas com os seus sinais. A nossa é a que nega o estatuto da solidão para quem tem o que dizer mas reclama da falta de diálogo. Privacidade, hoje, dificilmente levará algum letrado a um estado de desligamento da realidade. É só preciso sentir e se a gente se joga, numa identificação lúdica, o mundo sempre tem o que ensinar. Aí é traduzir isso em linguagem e reciprocidade. Antes e, claro, ainda agora, se papeia em bares, pessoas jogam cartas, há algum curso para se fazer, amigos com quem conversar, filmes para ver, livros para ler, artes para fruição e coisas para mãos e dedos se exercitarem, instrumentos para tocar, ferramentas como extensão de nosso corpo... Veículos de tração animal e a motor. Enfim, tirando o isolamento em monastério ou caverna, e se for opção tanto melhor, ainda há as relações humanas que propiciam prazer e as especiais em que existe amor. Podemos e vale a pena tomar posição diante do sistema em que se vive. Nas instituições, quanto maior a burocracia e a concentração de poder, pior para o indivíduo que chega a virar coisa. Nossa vida é feita de estágios, o único certo é quando deixamos este mundo, momento que não dá para prever, mas inevitável. No mais é a imortalidade, imortalidade no presente. Não é maravilhoso? Principalmente quando a gente se cuida e compartilha. Expressar e imprimir para que se veja e ouça, o que sai de nossa alma como fruto vivenciado é mais do que a gotícula no incêndio da floresta.





SE VOCÊ FOSSE
SE PREPARAR PARA
REPRESSAR TODA
A REALIDADE DA
VIDA E DO MUNDO,
DO CONHECIMENTO E
DAS AÇÕES, QUAIS
AS 14 PALAVRAS-CHAVES
ESCOLHIDAS?

PODE-SE COMEÇAR PELA FEMININO E
MASCULINO EM TUDO. YIN/YANG.
ABRANGENTE/AGGUTE. AÍ ENTRAM PARES
DE OPOTOS (DIXOTOMIA) QUE DEFINEM OS

• O formen is not necessarily the possibility.



Fonte
orópica,
catabase
de
Anfiarau.